

AB SABIN
10 anos criando descobertas

AS COLÉGIO ALBERT SABIN
25 anos criando oportunidades



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

1º trimestre letivo 2018 – ano XXIV – n.º 69

25 anos com o mesmo norte

A primeira escola onde estudei tinha uma sala de aula e alunos de várias idades. Eu tinha 12 anos. Vivía na zona rural de São Pedro dos Ferros, cidade mineira hoje com pouco mais de 8 mil habitantes. Um fazendeiro da região montou aquela sala de aula para os filhos dos colonos. Foi lá onde me alfabetizei e fiz os primeiros anos do primário.

Decidi cedo que queria outra vida. Com 14 anos, vim morar em São Paulo, na casa de uma tia; depois, em um quarto de pensão. Trabalhei em curtume, em metalúrgica e na construção civil, como servente de pedreiro e ferreiro, até ser aprovado num concurso do Banespa, como escriturário. Com emprego e salário certos, avancei nos estudos: supletivo do ginásio, curso técnico de contabilidade, faculdade de Administração. Fiz carreira no banco até 1978, quando saí para fundar uma construtora, que prosperou. Em 1993, decidi dar novo passo: fundar um colégio. Hoje, somadas as horas em que frequentei aquele novo colégio – e outros dois que viria a construir –, devo ter passado mais tempo da vida no papel de dono de escola do que em qualquer outro que já desempenhei.

Conto isso para refletir como o destino de uma pessoa só se torna claro em retrospecto. Talvez o mesmo possa ser dito sobre instituições.

Quando criamos o Sabin, 25 anos atrás, tínhamos uma ideia bem diferente do que o Colégio é hoje. A princípio, seria uma escola pequena, simples. No terreno original, de 10 mil m², havia um prédio e um ginásio de esportes. Prevíamos chegar à marca de 1.500 alunos em oito anos. Mas logo no primeiro dia de aula tínhamos mais de 1.300. No ano seguinte, já era

preciso anexar o terreno ao lado, onde ficam os prédios Monet e Van Gogh.

Hoje, os 10 mil m² originais são 17 mil m², onde oferecemos uma infraestrutura de ensino equivalente à de poucas escolas – incluindo três laboratórios científicos e um recém-criado espaço *maker* – e um dos mais amplos programas de atividades extracurriculares da cidade. Há exatos 10 anos, inaugurávamos uma segunda unidade de Educação Infantil: o AB Sabin. Além do crescimento físico, esses 25 anos viram o Sabin crescer também em qualificação da equipe e resultados. A escola, que no início tinha apenas dois mestres entre seus docentes, hoje conta com mais de 40, por exemplo. Ano após ano, os alunos são aprovados nos vestibulares mais concorridos do País e, desde 2007, colocam o Sabin entre as melhores escolas da cidade no *ranking* do Enem.

Olhando para trás, não era certo que o Sabin chegaria aonde chegou, como não era certo o que eu faria ao deixar o interior mineiro. Eu só sabia que buscava uma vida melhor para mim e para a família que vim formar. Defini meu norte e a ele cheguei, ainda que por caminhos inesperados. O mesmo acredito do Sabin. Pequena ou grande, esta escola é comprometida, desde o nascimento, em oferecer uma educação de excelência, o ensino de um segundo idioma tão bom quanto o dos melhores cursos de línguas e atividades esportivas e culturais com o mesmo rigor pedagógico. E comprometida em estabelecer com as famílias uma parceria verdadeira, séria, baseada em valores.

É por isso que tenho plena confiança no destino do Sabin, mesmo que seja impossível sabê-lo. Porque, aos 25 anos, nossa bússola segue apontando para o mesmo norte.



Gisvaldo de Godoi
Fundador e mantenedor
do Colégio Albert Sabin
godoi@albertsabin.com.br



Construtores de um mundo melhor

Revista do Sabin,
1^a trimestre
letivo 2018
ano XXIV – nº 69
Na capa:

Sofia Pinheiro,
Matheus Cruci,
Felipe Gabriel Alves
e Maria Eduarda
Guilger, alunos
do 7^o ano do
Fundamental II.

4+5



+ Conversa Paralela

Os 70 anos da Declaração dos Direitos Humanos e seu significado

6+7



+ Educação Infantil

Ensinando os valores da sustentabilidade desde a pré-escola

8+9



+ Fundamental I

A prática da pesquisa e a capacidade de buscar informações

10+11



+ Fundamental II

As potencialidades do novo Espaço *Maker* do Sabin

12+13



+ Ensino Médio

O programa de eletivas e o olhar da Neuropsicologia em apoio ao aluno

14



+ Idiomas

A oportunidade para avançar no Espanhol antes de concluir o Médio

15



+ Esportes & Cultura

O que a Iniciação Esportiva tem a ensinar para os pequenos

16+17



+ DataSabin

O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão

Ensino Superior fora do Brasil: prós e contras

20



+ Encantamento

O Prêmio Impacta Sabin e a força do espírito cidadão

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –
Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –
Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Kelen Linck (págs. 12 e 13) **Fotografias:** Daniele Bertusso **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita. 1^o trimestre letivo 2018.**



Carolina Alves de Souza Lima
Livre-docente em Direitos Humanos pela PUC/SP

O que nos faz iguais

HÁ 70 ANOS, O MUNDO DAVA ENORME PASSO EM DIREÇÃO A UMA CULTURA DE PAZ. EM 10 DE DEZEMBRO DE 1948, A RECÉM-CRIADA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) ADOTAVA A DECLARAÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, DOCUMENTO QUE DEU ORIGEM A UMA SÉRIE DE MECANISMOS JURÍDICOS QUE LIMITAM A ATUAÇÃO DOS ESTADOS PARA PROTEGER NECESSIDADES BÁSICAS DO SER HUMANO QUANTO À LIBERDADE, À IGUALDADE E À DIGNIDADE HUMANA. NO ENTANTO, SEGUNDO A PROFESSORA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO CAROLINA ALVES DE SOUZA LIMA, “AINDA TEMOS MUITO A CAMINHAR, TANTO NO ÂMBITO INTERNO QUANTO NO PLANO INTERNACIONAL, HAJA VISTA TODOS OS CONFLITOS DA ATUALIDADE, A CRISE DOS REFUGIADOS, O AUMENTO DA INTOLERÂNCIA, DA XENOFOBIA E DO RACISMO”. MESTRE E DOUTORA EM DIREITO E LIVRE-DOCENTE EM DIREITOS HUMANOS PELA PUC-SP, CAROLINA CONCEDEU A ENTREVISTA A SEGUIR.

Qual a origem do conceito de direitos humanos?

O conceito tem origem nos ideais da Revolução Francesa, que estabeleceram a proteção do indivíduo frente ao arbítrio do Estado. Na França absolutista, o Estado era o maior violador dos direitos do homem. O soberano era absoluto; não podia ser responsabilizado juridicamente por seus atos, porque ele “era” a lei. A Revolução veio derrubar o Estado absolutista e criar o Estado de Direito, cuja essência é o princípio da legalidade, a que todos, sem exceção, estão submetidos; ninguém está acima da lei.

Em que a ONU e a Declaração Internacional dos Direitos Humanos avançaram em relação a essas conquistas?

A cidadania conquistada com a Revolução Francesa foi a liberal burguesa. Nos séculos XIX e XX, a concepção de cidadania foi se ampliando até chegar à concepção universal, segundo a qual todas as pessoas são titulares de direitos e devem ter a sua dignidade respeitada exclusivamente em razão da condição humana. Essa concepção foi construída como reação às atrocidades da Segunda Guerra. Percebeu-se que o regime nazista havia violado frontalmente os

direitos da pessoa humana mesmo atuando com base na legalidade, já que os judeus e as minorias eram considerados não cidadãos pelo Estado alemão e, portanto, não detentores de direitos básicos, como a vida e a liberdade. Diante disso, a comunidade internacional se reuniu para criar mecanismos jurídicos e políticos, para estabelecer novos limites à atuação dos Estados.

O que isso representou na prática?

A partir desse momento, consolidam-se o sistema global, formado pela ONU, e os sistemas regionais europeu, africano e interamericano de proteção dos direitos humanos. Os Estados da comunidade internacional aceitam fazer parte desses sistemas por meio de tratados que, quando incorporados de livre e espontânea vontade, geram a obrigação jurídica desses países de respeitar os direitos humanos em seus territórios.

Essa obrigação tem sido cumprida?

Estados democráticos, de regra, comprometem-se com os tratados. No entanto, a comunidade internacional é muito complexa, e temos países não democráticos, países em guerra e também aqueles que não aceitam se submeter aos tratados da ONU. A realidade é tão complexa que mesmo Estados democráticos como o Brasil, signatários de tratados de direitos humanos, ainda apresentam um déficit democrático muito grande. No plano internacional, a crise dos refugiados revela claramente a resistência à cidadania universal. Vemos países construindo muros e estabelecendo a entrada “irregular” no seu Estado como crime. Trata-se de uma realidade de intolerância e desrespeito aos direitos humanos. O refugiado é sempre uma vítima, que abandona seu país em razão de fundado temor de perseguição por raça, religião, nacionalidade, etc. Cabe lembrar que o refugiado, em momento algum, pode ser confundido com o terrorista. Este, sim, pratica crimes e afronta a segurança nacional.

Apesar do déficit democrático brasileiro, há quem seja contrário aos direitos humanos no País. Como a sra. explica isso?

Há expressiva ignorância a esse respeito. Gosto da definição do espanhol Antonio Pérez Luño. Para ele, os direitos humanos podem ser compreendidos como a proteção jurídica relacionada às necessidades básicas do ser humano quanto à liberdade, à igualdade e ao respeito à dignidade humana. Nós vivemos num país violento, desigual e corrupto. Nesse

cenário, há uma confusão entre o que é ser cidadão e o que é ser consumidor. Cidadão é aquele que tem seus direitos garantidos e cumpre com seus deveres perante o Estado e a sociedade. Numa democracia amadurecida e séria, o cidadão tem garantido seu direito à educação de qualidade, ao sistema de saúde de qualidade, ao transporte público de qualidade; tem emprego digno, direito à moradia assegurada e garantia de segurança pública. Essa é a verdadeira cidadania. Mas, no Brasil, o que garante um pouco desses direitos está quase sempre relacionado ao poder aquisitivo e à capacidade de consumo. Nesse país desigual, o ciclo de violência se instala e se intensifica, e a sociedade se fragmenta cada vez mais. Vivemos enclausurados em prédios ou condomínios, passeamos em *shopping centers* – lugares privados – e usufruímos cada vez menos do espaço público, que é coletivo, pertence a todos.

Qual o papel das escolas na promoção dos direitos humanos?

No meu entender, o que há de mais novo em termos de educação de qualidade está no que se chama “competência global”. A educação escolar visa primeiramente desenvolver as habilidades cognitivas básicas dos alunos e prepará-los para a vida adulta e profissional. No entanto, tem-se percebido que é preciso muito mais. A concepção de competência global visa ao aprendizado multidimensional ao longo da vida. Os indivíduos globalmente competentes conseguem examinar temas locais, globais e interculturais, perceber e entender diferentes perspectivas e visões de mundo. Interação de modo bem-sucedido e respeitosa com diferentes culturas e agem responsabilmente em relação à sustentabilidade e ao bem-estar coletivo. Essa competência é fundamental, porque sabemos que os conflitos fazem parte das relações humanas e vão sempre existir. A grande questão é qual caminho escolheremos para resolvê-los. A resolução pela violência gera mais violência, e entramos num ciclo vicioso; já a resolução pelo diálogo, pelo acordo e pelo respeito ao diferente representa a cultura da paz. Preste atenção em alguns setores da nossa sociedade. Todos nós conhecemos pessoas que tiveram uma educação de altíssima qualidade, que são grandes profissionais e, no entanto, apresentam posturas racistas, xenofóbicas e fascistas. Nessas pessoas não foi desenvolvida a competência global, ou seja, o apreço à diferença e à tolerância e, acima de tudo, o respeito ao que nos faz iguais, que é a nossa condição humana.

O compromisso de todos

Como promover os valores e o sentimento de comunidade que estão na base do mundo sustentável.

Você ajudaria a cuidar do jardim de uma praça pública? Regaria as plantas? Adubaria os vasos? Recolheria lixo jogado no chão por outra pessoa e cuidaria de descartá-lo em recipiente apropriado? Se responder sim a qualquer dessas perguntas, você demonstra ser uma pessoa que sabe como cuidar do meio ambiente. Você sabe o que deve ser feito: cultivar espaços verdes, dar um destino correto para resíduos, evitar desperdícios, etc. Se, além disso, você o faz por sentir que, em alguma medida, a responsabilidade também é sua, você demonstra trazer em si valores de sustentabilidade.

Esses valores estão na base da formação que a equipe do AB Sabin está recebendo, desde o início do ano, da empresa Reconnecta, que assessora escolas no desenvolvimento de projetos de educação para a sustentabilidade. Serão 120 horas ao longo do ano, em que a Reconnecta promoverá encontros de formação teórica com toda a equipe docente; assessorias por série, para ajudar as professoras a aplicar a teoria em atividades concretas; assessorias remotas via WhatsApp; e reuniões com a coordenação do Colégio, para avaliação do andamento do projeto.

Segundo a engenheira ambiental Livia Ribeiro, da Reconnecta, a visão que a empresa ressalta é a da sustentabilidade primeiro como um campo de valores, depois de ações – e ações que não se limitam à questão ambiental. “Queremos expandir a compreensão do conceito para abarcar valores humanos e fomentar relacionamentos saudáveis”, diz a engenheira. Por essa visão, se uma escola promove a ideia de que é dever de todos contribuir para a construção de boas relações no mundo – entre indivíduos, entre os seres humanos e a natureza, entre a geração atual e as gerações futuras –, o agir corretamente vem como consequência. Como exemplifica a coordenadora pedagógica do AB Sabin, Suzy Vieira: “A criança vê um papel de bala no chão e fica pessoalmente incomodada com aquilo. Passa por uma horta e, independentemente de tê-la plantado ou não, tem o impulso de cuidar”.

Para isso, um dos pontos-chave é o da integração: “Em várias escolas, são comuns atividades em que cada aluno ou turma plantam um vegetal e depois ficam querendo saber como está o canteiro *deles*, da sala *deles*”, diz Livia Ribeiro. “Mas se a escola promove o hábito de cuidar coletivamente, com turmas plantando juntas, fazendo escalas de rega, isso aumenta a consciência de que aquilo é de todos e não é de ninguém, além de estimular o respeito e a cooperação entre as crianças”.

Os primeiros meses do ano já viram essa ideia se tornar realidade. Quem visita o pátio inferior do Colégio, hoje, pode ver uma horta vertical, com vasos pendurados em uma das paredes trazendo hortaliças comestíveis, como coentro, salsinha e cebolinha, além de um canteiro com uma horta de ervas medicinais. A primeira horta foi plantada pela turma do Integral; a segunda, pelo Maternal I. E ambas ganharam plaquinhas indicativas de cada espécie de planta, produzidas pelo Pré II. Enquanto isso, no bosque, pés de milho plantados pelo Integral e pelo Pré II hoje ultrapassam a altura das crianças, que acompanham com fascínio a evolução do milharal. Já para o segundo semestre, o plano é montar uma composteira, para a qual todos os alunos poderão contribuir colocando restos de lanche – e, no processo, aprender um pouco mais sobre alimentação, desperdício e reciclagem.

A ideia é que hortas, pés de milho, bosque ou composteira ainda tenham a função pedagógica de ilustrar conteúdos específicos, mas não sejam propriedade de nenhuma turma, mas sim de toda a comunidade escolar. “Vamos explorar mais e melhor o contato com a natureza”, diz a diretora pedagógica do AB Sabin, Mônica Mazzo. “Atividades de jardinagem não precisam se resumir ao plantio; podem envolver também observação e cuidado frequentes, conversas com o jardineiro para conhecer seus instrumentos, respeitar o seu saber”. Além, é claro, da colheita: “Um dia, vi uma aluna admirando um limão do nosso bosque. Eu falei: ‘Pode pegar?’. Ela se espantou: ‘Posso?’ Claro que sim! Se ela viu o limão crescer e dar fruto, se leva para casa e seus pais fazem

suco, ela está levando mais que um limão, está levando uma vivência”, diz Mônica.

Mas não é só nos espaços verdes que se aprende sobre sustentabilidade.

Pelos corredores e salas do AB Sabin, cartazes lembram como cada um pode contribuir para o mundo a partir de protagonismos simples, como apagar a luz da sala de aula, reutilizar copos descartáveis ou substituí-los por garrafinhas trazidas de casa (esta ação, aliás, trouxe resultados concretos, reduzindo o consumo mensal de copos de plástico no AB Sabin em aproximadamente 4 mil).

No Colégio Albert Sabin não é diferente. Também aqui os ensinamentos que promovem os valores de um mundo sustentável são trabalhados. E não apenas durante as aulas. “É um trabalho de formiguinha: a todo momento – em classe, na hora do lanche, no intervalo – estamos reforçando essas lições”, diz a assessora de Ciências Adriana Alonso, que ajuda a equipe a aproveitar oportunidades inesperadas. “Uma vez, uma aluna do Maternal arrancou uma flor para dar à professora. É um gesto de carinho que não podia ser reprimido, mas nos inspirou a elaborar uma aula em torno das flores do pátio. ‘Olha essas plantinhas no chão; estão mortas. Vamos tirar as sementes delas e plantar de novo para que nasçam outras?’

Uma hora, o “trabalho de formiguinha” termina compensando. “No Fundamental I, eu já vejo alguns alunos pegando do chão o lixo de outras pessoas”, diz a assessora.

Após certo momento, não é mais uma ação que a criança faz por obrigação, mas reflexo de uma cultura promovida por toda a comunidade. Porque, como explica Livia Ribeiro, da Reconnecta, “quando a equipe de uma escola pensa e planeja junta, em vez de ficar cada professor criando planos isoladamente” – quando se alinham os comportamentos e discursos de todos em torno dos valores da sustentabilidade, enfim –, “isso se reflete nas crianças”.



Alunos do AB Sabin e do Infantil do Sabin: protagonismos simples, como apagar a luz ou cuidar dos bosques, na construção de um mundo de todos.



Em busca da informação

Projeto do Fundamental I capacita os alunos a fazer pesquisas com autonomia e senso crítico.

No futuro, quando precisarem aprender sobre algum tema, preparar-se para uma prova ou produzir um trabalho acadêmico, Gabriela Aragoni, Gabriela Lopes, Laura Gaban e Marcela Mizukami terão de fazer pesquisas por conta própria. Nem sempre haverá um professor para indicar o caminho das pedras; elas terão de decidir que respostas procurar, onde poderão encontrá-las, como avaliar a confiabilidade das informações obtidas e o que fazer com elas. Tarefas não tão simples, mas que, ao que tudo indica, as alunas do 5º ano do Fundamental do Sabin saberão realizar.

As quatro já demonstram ter aprendido lições importantes sobre a prática da pesquisa. “Existem *sites* confiáveis e outros não”, diz Laura, que dá como exemplo de *site* não confiável a Wikipedia, “porque todo mundo pode mudar as coisas lá”.

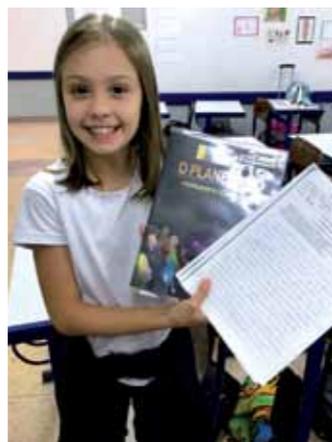
Sites cujos endereços terminam em .org ou .gov, por outro lado, trazem informações oficiais, de responsabilidade da organi-

zação ou do órgão público a que pertencem. Já Gabriela Lopes e Marcela Mizukami, colegas de Laura, notam que nem sempre um único *site* terá todas as informações desejadas, razão pela qual, como acrescenta Gabriela Aragoni, uma boa pesquisa começa com a elaboração de um roteiro.

Esses e outros aprendizados são fruto de um projeto que o Sabin vem desenvolvendo há alguns anos com as turmas do 2º ao 5º ano, estruturado em seqüências didáticas que, progressivamente, demandam maior autonomia dos alunos na realização de pesquisas. “Nesse nível de ensino, é imprescindível que o professor mostre a eles como se faz esse tipo de trabalho”, diz Adriana Alonso, assessora de Ciências da Educação Infantil e do Fundamental I. “É importante mostrar o caminho seguido, o processo, o que, de certa forma, é até mais interessante que o resultado”.

Em linhas gerais, nos primeiros anos do Ensino Fundamental, as pesquisas consistem em tarefas bem objetivas, definidas pelas professoras, que determinam que perguntas o aluno deve fazer, quem ou que fontes serão consultadas e como devem registrar as respostas. É o caso das várias entrevistas que o Colégio propõe que os alu-

Alunos do 5º ano mostram o que aprenderam sobre a prática da pesquisa: como preparar um roteiro, como utilizar o Google para refinar uma busca, como evitar as fontes não confiáveis, entre outras lições essenciais.



nos façam com seus familiares – *Pai, como eram as músicas de carnaval na sua época? Mãe, qual era sua comida favorita quando criança?* – ou com convidados especiais, a exemplo do escritor Daniel Mundurucu, da etnia mundurucu, que tradicionalmente visita o Sabin para falar com as turmas de 3º ano – *Que tipo de brinquedos as crianças indígenas têm? Como são as casas do seu povo?*

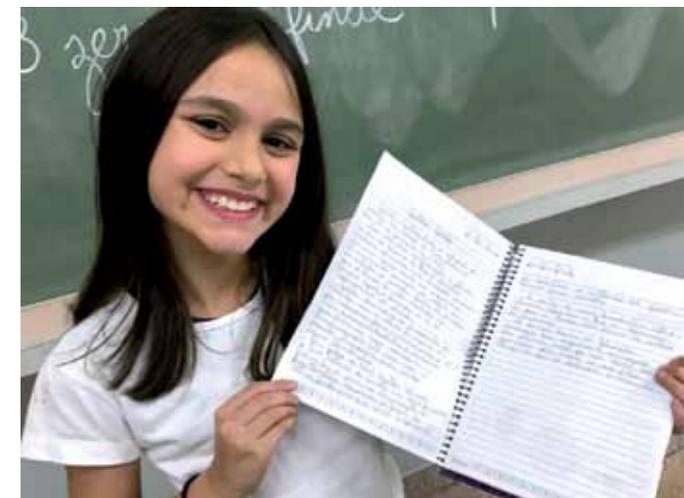
Também se configuram pesquisas as atividades de consulta a jornais, revistas, livros didáticos, materiais didáticos *on-line* ou *sites* selecionados. Mas, num primeiro momento, essas consultas são direcionadas pelas professoras e, em sua maioria, feitas coletivamente pela classe.

Práticas e habilidades essenciais já estão sendo trabalhadas nesse momento, como o registro das respostas obtidas em sentenças completas, que façam sentido mesmo na ausência da pergunta original (afinal, um relatório de pesquisa deve ser lido e compreendido por outras pessoas, além do próprio pesquisador). Ou a diferenciação dos tipos de informação encontrada: em um exercício típico do 4º ano, os alunos são orientados a marcar de amarelo conceitos-chave de sua pesquisa – digamos, “biomas” – e de azul o que seriam exemplos desses conceitos – “cerrado, floresta amazônica, mata atlântica, etc.”.

Mas chega um momento, diz Adriana Alonso, no fim do primeiro ciclo do Fundamental, que os alunos precisam ir “desmamando” da guia da professora. É neste momento que, em vez de indicar diretamente os livros ou *sites* que servirão de fontes para a pesquisa, a professora ensina aos alunos como eles podem usar melhor a biblioteca ou os buscadores da internet, como Google ou Bing (contam,

para isso, com a ajuda da equipe da Biblioteca e do Laboratório de Informática). Em vez de determinar de antemão que informação os alunos precisam descobrir, deixa que eles próprios elaborem um roteiro com as perguntas que consideram relevantes ao tema.

“Quando chegarem ao Fundamental II, eles já serão capazes de realizar pesquisas de forma mais livre e autônoma”, diz a assessora. Ou, como indica a etimologia do termo pesquisa, saberão “buscar com cuidado”, “informar-se” e “indagar profundamente” sobre quaisquer temas que precisarem ou desejarem conhecer melhor. Que é o que se espera não apenas de jovens em idade escolar, mas dos indivíduos interessados e críticos nos quais eles vão se tornar em sua vida adulta.



Como se tornar um pesquisador mais criterioso e autônomo:

- 1. Ter noção do que se procura.** Antes de iniciar uma pesquisa, é fundamental definir o que se quer descobrir sobre o tema. Para isso, elabora-se um roteiro com perguntas a ser respondidas.
- 2. Articular as fontes de pesquisa.** Raramente as perguntas são respondidas por uma única fonte.

É preciso saber que *sites*, livros, jornais, etc., consultar e classificar e reunir as informações obtidas em um relatório coeso.

- 3. Distinguir entre fontes confiáveis ou não.** Deve-se privilegiar *sites* oficiais (.gov, .org) ou de veículos conceituados; em caso de consulta à Wikipedia, checar informações em outros *sites*.
- 4. Saber utilizar os buscadores da internet.**

Saber palavras-chave relativas ao tema e usar aspas (para busca de “expressões exatas”) trazem resultados mais úteis. Também se pode definir o tipo de conteúdo buscado (texto, imagem, vídeo), idioma e data de publicação.

- 5. Citar as fontes utilizadas.** Ao elaborar o relatório resultante da pesquisa, deve-se informar de onde vieram as informações. Em caso de impressos, citar referências bibliográficas; em caso de *sites*, citar data e horário da consulta.



O novo Espaço *Maker* do Sabin foi projetado para promover os 4 Cs: criatividade, criticidade, colaboração e comunicação.



Jovens em construção

No Espaço *Maker*, alunos desenvolvem a si próprios como criadores e solucionadores de problemas.

Em um espaço de 145 m², alunos do Sabin fabricam armadilhas para insetos, catapultas, foguetes e o que mais puderem imaginar. O lugar tem tudo de que eles precisam: de serrotes e martelos a cortadora a laser e impressoras 3D, de material de artesanato a componentes eletrônicos, de lousa e marcadores a *laptops*. Pela forma como o espaço está sendo utilizado pedagogicamente, porém, as ferramentas mais importantes à disposição dos alunos são aquelas que eles já trazem consigo antes mesmo de cruzar a porta: sua capacidade de planejamento e trabalho em equipe, sua criatividade para solucionar problemas, sua resiliência para aprender com os erros e tentar de novo. Como coloca o assessor de Ciências para o Fundamental II e Ensino Médio, Leandro Holanda, o novo Espaço *Maker* do Sabin, inaugurado no início do ano, foi “intencionalmente construído para trabalhar não apenas conteúdos conceituais e habilidades, mas também competências socioemocionais”.

Como o nome já diz, o ambiente é a concretização de um projeto que o Colégio vem desenvolvendo há alguns anos, de dar à proposta do Movimento *Maker*— que as pessoas criem, consertem ou aprimorem objetos e utensílios cotidianos por conta própria — uma função pedagógica, já que os alunos precisam aplicar conteúdos aprendidos em sala de aula na

fabricação de suas máquinas. Imagine, por exemplo, que você está no 7º ano, aprendendo sobre a tecnologia de roldanas e como ela permitiu ao homem erguer objetos pesados fazendo menos força. No Espaço *Maker*, os alunos podem fazer os cálculos, construir suas próprias roldanas e pôr o conhecimento à prova, na prática. Mesmo que uns sistemas funcionem e outros não, haverá aprendizado. E aprendizado com propósito — investigar o que deu errado, corrigir, testar novamente —, mais significativo e motivador.

Contudo, ressalta Leandro, tão ou mais importante do que o que os alunos venham a construir será a forma como procederão —, especialmente no que se refere aos 4 Cs: criatividade, colaboração, comunicação e criticidade.

A começar pela própria estrutura física, com grandes mesas coletivas e ferramentas compartilhadas, o Espaço *Maker* privilegia trabalhos em grupo. Ao realizar seus projetos, os alunos têm de atribuir responsabilidades e trocar ideias entre si. Os professores, por sua vez, apresentam os materiais à disposição da turma e, ajudados por um técnico contratado como monitor do espaço, ensinam como utilizá-los — como se opera uma furadeira de bancada ou uma serra tico-tico, por exemplo —, mas, a partir daí, deixam que os alunos definam seus próprios planos de ação para os desafios propostos. E, segundo Leandro, a ideia é que as atividades no Espaço *Maker*

incluam uma etapa de autoavaliação dos alunos sobre seu desempenho na relação com os colegas: o quanto cada um colabora com o grupo, propõe novas ideias, cumpre as tarefas designadas, etc.

Pela infraestrutura oferecida e pelas ideias em sua concepção, a princípio, o Espaço *Maker* está sendo mais utilizado pelos professores de Ciências do Fundamental II, Gizele Gasparri e Rafael Paiva. A cultura *maker* tem, afinal, afinidade natural com as áreas do conhecimento batizadas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, na sigla em inglês). Só no primeiro semestre, os alunos de Gizele e Rafael construíram maquetes interativas que simulam as fases da Lua (6º ano), catapultas e roldanas (7º ano), medidores de condutividade elétrica e armadilhas contra o *Aedes aegypti* (8º ano) — no processo, aprendendo a manejar todas as ferramentas.

Mas eles não são os únicos usuários. Algumas das disciplinas eletivas que o Sabin passou a oferecer neste ano para o Ensino Médio (*v. matéria na pág. 12*) já estão sendo ministradas no Espaço *Maker*: no curso de Introdução ao Design, os alunos aprendem a modelar e a prototipar digitalmente objetos comuns, como luminárias, ao passo que, na Oficina de Conceitos Geológicos e Geomorfológicos, as impressoras 3D são usadas para criar modelos de terreno em escala reduzida. Além disso, o espaço conta com um estúdio de gravação audiovisual, onde o

9º ano está produzindo documentários sobre os direitos humanos. E a tradicional construção de réplicas de foguetes, que os alunos do 5º ano fazem todo ano ao estudar Astronomia, também passa a ser realizada no Espaço *Maker*.

E o objetivo é ir além. No início de maio, o Colégio promoveu a primeira oficina aberta a todo o corpo docente sobre o Espaço *Maker*. “Estão todos muito motivados para descobrir as novas possibilidades pedagógicas”, diz Leandro Holanda, que vem estudando a fundo o que as novas tecnologias podem fazer pelos professores. Em março, ele e Gizele Gasparri chegaram a viajar a Atlanta, nos Estados Unidos, para participar de um congresso da Associação Americana de Professores de Ciências. E ele garante: “Nossa expectativa era de que veríamos coisas bem mais avançadas do que temos aqui. Mas o que vimos nos mostrou que já estávamos no caminho certo”.

Até porque, como reforça Paulo Fontes, assessor de Tecnologia Educacional do Sabin, a tecnologia em si é apenas o meio, e não o fim do professor. “Nossa intenção é trazer qualidade para o uso de tecnologias”, diz Paulo. “Queremos promover metodologias de aprendizagem ativa, como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), aulas contextualizadas em torno de desafios e problemas reais. São ideias que nossos professores já tinham e, em certa medida, já vinham implementando, mas nos faltava material para avançar. Agora não falta mais”.

Conheça o Espaço *Maker* do Sabin

Localização:

3º andar do Prédio Monet (antiga sala do Anfiteatro Monet)

Estrutura e equipamentos:

- 145 m² (incluindo um estúdio de produção audiovisual)
- 9 mesas coletivas (capacidade: 45 alunos)
- 2 bancadas espelhadas, com ferramentaria mecânica, eletrônica e artística
- 1 lousa
- 1 projetor audiovisual
- 10 *laptops* exclusivos
- 12 kits Arduino (prototipagem eletrônica)
- 10 kits Makey Makey (idem)
- 2 impressoras 3D
- 1 cortadora a laser
- 1 cortadora de vinil
- 1 furadeira de bancada
- 1 lixadeira
- 1 serra tico-tico

Benefícios pedagógicos:

- Aplicação de conteúdos científicos em atividades práticas.
- Foco em trabalhos de grupo e aprendizagem ativa, baseada em projetos/desafios.
- Perspectiva do erro como parte do processo de aprendizagem e melhoria pessoal.
- Promoção de autoavaliação sobre as próprias competências socioemocionais.
- Capacitação técnica e familiarização com tecnologias que abrem novas possibilidades.

A escolha de cada um

Programa de eletivas dá aos alunos a chance de construir o próprio caminho formativo.

Em uma tarde de março, um grupo de alunos da 3ª série do Ensino Médio recebia do professor Dalson Graça uma aula introdutória de Cálculo, enquanto, perto dali, o professor Aymar Macedo discorria para outro grupo sobre o desenvolvimento embrionário de animais vertebrados. Um dia antes, naquele mesmo horário, a professora Denise Masson debatia com uma turma os recursos linguísticos de textos de humor, enquanto a professora Rachele Hanania ensinava para outra turma métodos químicos e físicos para análise de aromas.

O ano letivo tinha apenas começado, mas a dinâmica seria repetida nas semanas e nos meses seguintes, e segue acontecendo, de tal forma que, no fim do ano, quando enfrentarem o vestibular, alguns alunos terão acumulado dezenas de horas de aulas extras de Matemática, outros de Física, outros de História, como queiram. Em 2018, uma parte do currículo dos alunos da 3ª série do Sabin está sendo decidida por eles mesmos.

A oportunidade deve-se ao novo programa de disciplinas eletivas do Sabin – uma das novidades implementadas no Ensino Médio neste ano –, que altera a rotina das tardes da 3ª série, antes tomadas pelo Módulo Especial de Aprofundamento. Até o ano passado, as aulas do Módulo iam das 14h às 17h15, às segundas, terças, quintas e sextas (e, para algumas turmas, também aos sábados). A partir deste ano, porém, o Módulo vai até 15h30, e no resto da tarde o

Sabin passa a oferecer cursos sobre temas diversos, como o Romantismo na Literatura, a formação e o ciclo de vida das estrelas ou o estudo de casos clínicos de patologias.

Estruturado em temporadas de cerca de um mês, o programa oferece oito opções de eletivas por temporada, das quais os alunos podem cursar até quatro, uma a cada dia da semana (as tardes de quarta-feira continuam reservadas às aulas-tema, abertas a todo o Ensino Médio). Como a previsão do Colégio é de oito temporadas no ano, é possível que um aluno complemente sua formação regular com até 32 cursos extras de sua escolha.

Segundo a coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, o programa de eletivas é, em parte, uma estratégia para reforçar o preparo dos concluintes para o vestibular. Por um lado, a revisão dos conteúdos das principais disciplinas continua ocorrendo nas aulas regulares e no Módulo Especial de Aprofundamento. Mas, agora, caso queiram, os alunos têm também a chance de estudar assuntos de nível até mais avançado do que o que se espera deles neste momento. “Cálculo, por exemplo, é disciplina de Ensino Superior, mas cuja base exige conhecimentos de Geometria, uma série de funções e algoritmos que caem no vestibular”, diz Áurea.

Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Sabin, complementa a fala da coordenadora: “As eletivas envolvem vários componentes curriculares, mas aplicados a outros contextos, pouco trabalhados em sala de aula. Para além

da formação comum que todos recebem, as eletivas serão espaço de exploração de outros conteúdos e outras práticas, à escolha de cada um”.

É esse, de fato – a escolha de cada um –, o principal motivador da criação das eletivas. “Queremos reforçar a autonomia dos alunos”, diz Áurea. “O Sabin sempre vai oferecer espaços e apoio individualizado para que o aluno faça o seu caminho: vá mais fundo na área que quiser, revise o que achar necessário revisar, estude quando e no ritmo que achar melhor estudar”.

Aliás, o programa de eletivas não é a única novidade que o Ensino Médio implementou em 2018 que poderá contribuir para o desenvolvimento individual de cada aluno.

Psicóloga especializada em Neuropsicologia, Gisele Calia é a nova Orientadora Educacional do Ensino Médio do Sabin. Com experiência tanto na área clínica como em escolas, Gisele foi contratada no início do ano para trazer o olhar da Neuropsicologia no apoio do Colégio ao caminhar dos alunos. Trata-se de ramo recente da Ciência, surgido com o desenvolvimento de tecnologias de imagem que permitem enxergar o cérebro em funcionamento. Como explica Gisele, “a Neuropsicologia causou uma revolução no campo da aprendizagem, por nos fazer entender melhor como se dá o processamento da informação e da memória no cérebro, e também os transtornos de aprendizagem, como o déficit de atenção, a discalculia, a dislexia, etc.”

A chegada de Gisele ao Colégio faz parte de uma reestruturação na coordenação do Ensino Médio. Agora, a coordenadora Áurea Bazzi passa a ser auxiliada pelo assessor de Ciências Leandro Holanda no que diz respeito a demandas coletivas do Médio – orientando sobre vestibulares ou participação em Olimpíadas Acadêmicas, por exemplo –, enquanto Gisele Calia pode ajudar os alunos de maneira mais individualizada, uma vez que, assim prova a neurociência, cada um aprende de um jeito diferente.

“Meu papel como orientadora não se resume a mediar questões disciplinares ou atitudinais”, diz a neuropsicóloga. “É entender o aluno – por exemplo, se ele demonstra tendência ao autoengano, se tem um perfil mais visual (que depende de recursos imagéticos para fixar novas informações) ou mais cinestésico (que demanda aplicações práticas da teoria), se está sendo afetado por algum tipo de transtorno – para sugerir medidas que otimizem sua aprendizagem”. E, além de promover bons hábitos de estudo entre os alunos, Gisele pode ajudar também os professores a desenvolver boas práticas de ensino, assim como as famílias a dar o apoio necessário aos seus filhos.

Como resume a diretora Giselle Magnossão, “tanto a nova estrutura do Ensino Médio como o programa de eletivas são investimentos na promoção da autorregulação dos alunos”. Instrumentos que ajudam cada um a pensar e a decidir por conta própria: “O que quero fazer? O que preciso para fazer isso? E como posso melhorar?”



A neuropsicóloga Gisele Calia (ao centro), nova orientadora educacional do Médio, entre o assessor especial Leandro Holanda e a coordenadora Áurea Bazzi: equipe focada em promover o potencial de cada aluno.



Uma boa oportunidade

Já independentes no Inglês, alunas aproveitam o horário de aulas do idioma para avançar no Espanhol.

Clara Duarte pensa em viajar, conhecer outros países do mundo. Julia Selivon quer fazer uma faculdade fora do Brasil. Tainá Ribeiro pretende tentar Medicina e sabe que precisará ler livros em outros idiomas e frequentar congressos internacionais. Já Sofia Silva tem planos traçados não só para sua graduação, mas também para uma pós, um mestrado, um doutorado e um emprego nos Recursos Humanos de alguma multinacional. As quatro são alunas da 3ª série do Ensino Médio e consideram que já têm Inglês suficiente, no momento, para alcançar suas metas. Assim, no início do ano, quando o Colégio Ihes fez uma proposta de trocarem as aulas regulares de Inglês por aulas de Espanhol no mesmo horário, as quatro pensaram: eis uma boa oportunidade.

A experiência com Clara, Julia, Tainá e Sofia é inédita no Sabin, mas é possível que mais alunos venham a adotá-la. Denise Araújo, coordenadora pedagógica do Departamento de Inglês, explica a ideia por trás da iniciativa: “Neste ano, como consequência da evolução da qualidade do Inglês dos alunos, que estão adquirindo certificados de Cambridge cada vez mais cedo, o Sabin passa a oferecer para as 2ª e 3ª séries do Ensino Médio essa opção de Espanhol na matriz regular (no lugar do Inglês), para que os alunos avancem mais um pouco nesse idioma”.

Das quatro alunas que estão nessa primeira turma especial de Espanhol, todas têm o FCE – que certifica o uso autônomo do Inglês. E todas, exceto Clara, têm o CAE, de nível mais avançado. Quanto ao Espanhol, exceto Sofia, todas têm o DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira) de nível B1. Conforme o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, o B1 é um estágio intermediário entre o “falante básico” (A2) e o “usuário independente” (B2); para efeito de comparação, no Inglês, o FCE já corresponde ao nível B2. É a esse nível de Espanhol que elas poderão aspirar com o reforço que estão recebendo.

Será necessário para quem, como Tainá prevê, precisará ler livros de Medicina em espanhol ou participar de congressos em países hispanofalantes. Ou para Sofia, que planeja fazer Psicologia na USP, pós-graduação em Stanford, mestrado em Paris e doutorado na Áustria – “na terra de Freud” –, antes de seguir carreira numa multinacional, onde provavelmente terá de lidar com funcionários hispânicos. Assim como para Julia, que quer estudar na Europa – a princípio, em uma faculdade de Arquitetura na Itália –, e para Clara, que, mesmo que venha a cursar Psicologia ou Biologia aqui no Brasil, não quer deixar de aprender novas línguas e de se sentir preparada para conhecer novos países.

“Já estava confortável com meu Inglês; precisava de algo a mais para ter mais oportunidades profissionais”

“Cheguei num estágio de Inglês suficiente para os fins que eu quero: estudar fora do Brasil”

“Gosto de aprender novas línguas, gosto de viajar. E meu Inglês já era suficiente para turismo ou para trabalho”

“Viajei para o Equador com a família e senti que não conseguia me comunicar em Espanhol com a mesma fluência [do Inglês]. Pretendo viajar mais”

Julia Selivon, 3ª B

Tainá Ribeiro, 3ª D

Sofia Silva, 3ª B

Clara Duarte, 3ª C

A dinâmica do jogo

Porta de entrada ao mundo do esporte coletivo, a Iniciação Esportiva promove a postura de atleta.

“Será que vai ter futebol, mãe?” Essa era a grande dúvida de Julio Boschi, 7 anos, quando decidiu participar da Iniciação Esportiva, do Programa Sabin+Esportes&Cultura. Como a maioria de seus colegas, Julio estava entusiasmado pela oportunidade de começar a praticar esportes no Colégio – é a partir do 2º ano que o Programa é oferecido –, mas temia que as aulas não contemplassem o seu favorito. Sua mãe, Lívia Freitas, não precisou tranquilizá-lo por muito tempo; logo o garoto descobriu que não apenas o futebol, na versão futsal, mas também o basquete, o vôlei e o handebol têm espaço garantido na Iniciação.

A ideia é que a disciplina, oferecida do 2º ao 5º ano, funcione como porta de entrada ao mundo do esporte coletivo para os pequenos. Na Iniciação Esportiva, as quatro modalidades são apresentadas formalmente aos alunos – suas regras, seus fundamentos e sua dinâmica –, sem que as aulas percam o caráter lúdico adequado à faixa etária.

“No início, algumas famílias acreditam que vai ser como uma escolinha de futebol ou de outro esporte, mas essa impressão cai por terra rapidamente; os objetivos são outros”, diz Paulo Rogério Vieira, coordenador do Sabin+Esportes&Cultura. “Queremos que os alunos desenvolvam postura de atleta”. Segundo Paulo, isso passa pelo entendimento de que um esporte coletivo envolve dividir responsabilidades. No caso do futsal, por exemplo, que o gol marcado é resultado da colaboração de todos os jogadores, e que o gol sofrido não deve ser debitado na conta do goleiro, mas do time.

A dinâmica de uma aula ajuda a entender melhor a proposta da Iniciação. No início de março, uma turma do 2º ano recebia sua primeira aula de handebol – para muitos



Luana Barreto, aluna do 2º ano D, descobre o handebol em aula de Iniciação Esportiva.

ali, o primeiro contato com aquele esporte. Os professores Daniela Nakayama e Marcelo Nunes começam investigando o conhecimento da turma: “Alguém já ouviu falar de handebol?” Uma voz arrisca uma resposta – “É o que joga a bola na cesta!” – e é corrigida por Daniela: “Não, esse é o basquete; no handebol, a gente faz um gol com a mão. Aliás, é por isso que a bola é pequena, estão vendo? Para segurar com uma mão só”. Na sequência, os professores apresentam o primeiro fundamento: o passe. Depois de algumas demonstrações, e para alegria da garotada ansiosa pela prática, dividem a turma em trios, um aluno recebendo e passando a bola para os outros dois colegas. Daniela e Marcelo vão percorrendo a quadra, incentivando acertos e corrigindo erros.

Ao longo do curso, o mesmo será feito com o basquete, o vôlei e o futsal. “Queremos ampliar ao máximo o repertório dos alunos, para que mais à frente escolham a sua modalidade preferida”, diz Paulo Rogério.

Cristina Veiga, por exemplo, não sabe se a filha Laura, aluna do 2º ano, puxará o seu gosto pelo vôlei, que ela jogou na adolescência. Mas enxerga como grande benefício da Iniciação a promoção do hábito de praticar esportes em geral, “o que é supersaudável”. Já para Lívia Freitas, mãe de Julio, não restam dúvidas: o menino prefere mesmo o futebol.

Vidas em redes

Alunos do Fundamental II e do Médio respondem a pesquisa sobre o uso de redes sociais.

A partir desta edição, a Revista do Sabin vai publicar pesquisas com os alunos sobre temas de interesse dos jovens, suas famílias e educadores. Nesta primeira edição, apresentamos dados sobre o uso de redes sociais pelos alunos do Ensino Fundamental II e Médio do Sabin, com comentários da diretora pedagógica, **Giselle Magnossão**, e do psiquiatra **Cirilo Tissot**, diretor técnico da Clínica Greenwood, especializada na reabilitação de pessoas com comportamento compulsivo. O Dr. Tissot esteve no Colégio no dia 18 de abril para dar a aula-tema "O uso excessivo da tecnologia e suas consequências".

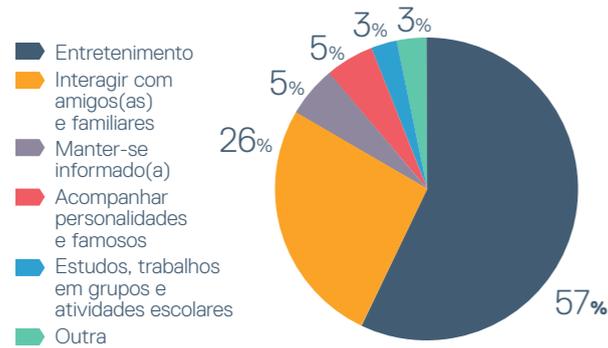
REDES FAVORITAS E FREQUÊNCIA DE USO

60% dos alunos dizem utilizar redes sociais mais de **2 horas por dia**, em média.

1º WhatsApp (86%)
2º YouTube (79%)
3º Instagram (75%)
4º Snapchat (35%)
5º Pinterest (22%)

Foram as 5 redes mais citadas entre as mais utilizadas pelos alunos (eles podiam citar mais de uma rede social como suas favoritas).

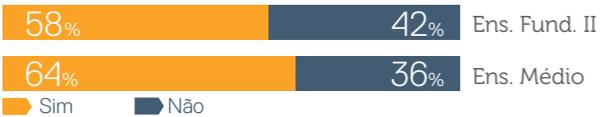
QUAL A PRINCIPAL RAZÃO PELA QUAL VOCÊ USA REDES SOCIAIS?



Dr. Cirilo Tissot: "O resultado contraria a ideia do uso da internet como fonte prioritária de informação, estando mais ligado ao prazer produzido pelo entretenimento e pelos amigos".

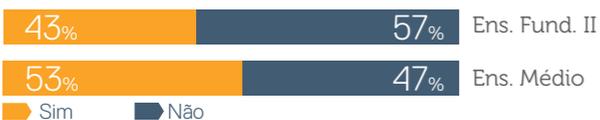
Giselle Magnossão: "Cabe notar que os alunos só podiam escolher uma 'principal razão' para usar as redes sociais; creio que, se pudessem escolher mais de uma opção, o percentual relativo a estudos e atividades escolares cresceria. Ainda assim, fica o desafio para incentivarmos ainda mais o letramento digital dos alunos, para que usem essas tecnologias para aquisição de conhecimento".

VOCÊ CONSIDERA QUE PASSA MAIS TEMPO DO QUE DEVERIA EM REDES SOCIAIS?



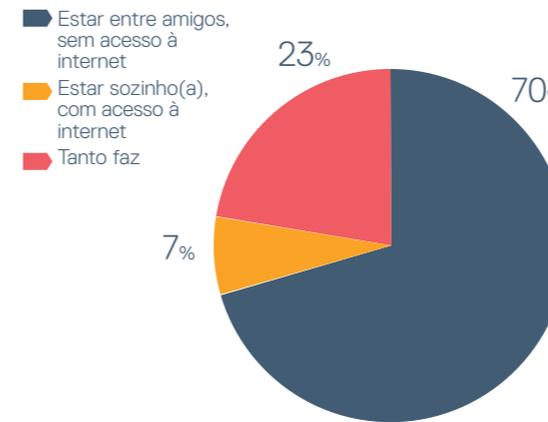
Giselle Magnossão: "Todos julgam que passam mais tempo do que deviam nas redes sociais, mas o Médio vê seus estudos mais afetados por isso. Há duas hipóteses não excludentes aí: a primeira é que os mais velhos têm mais consciência de si mesmos e de suas responsabilidades. A segunda é que, objetivamente, o Ensino Médio demanda mais rotina e rigor. Distrações afetam mais esse grupo, as evidências se impõem".

VOCÊ CONSIDERA QUE O USO DE REDES SOCIAIS ATRAPALHA SEUS ESTUDOS?



Dr. Cirilo Tissot: "Apesar de uma porcentagem do Fundamental perceber o abuso na utilização das redes, são de responsabilidade dos pais o monitoramento do uso e suas consequências. É compreensível a falta de noção de dano causado pelo excesso. Já no Ensino Médio, a noção de consequências está mais presente".

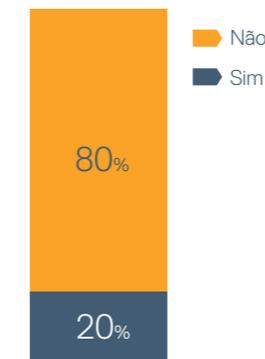
PARA VOCÊ, O QUE É PREFERÍVEL?



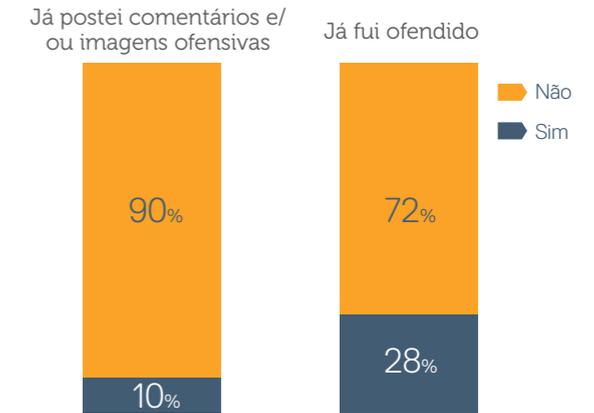
Giselle Magnossão: "Espectacular saber que a maioria dos alunos abriria mão da internet para ficar com os amigos. É importante valorizar o contato presencial, muito mais eficaz para desenvolver a empatia e a capacidade de diálogo. A comunicação mediada pela tecnologia não traz o tom de voz, os gestos, o olhar, que também fazem parte da mensagem".

Dr. Cirilo Tissot: "Mostrou-se população de risco 7% dos alunos, que preferem a internet a estar socialmente envolvidos com amigos. É abaixo do esperado (10%–15%). Porém, a amostragem é maior para o Fundamental, possivelmente criando um viés. Talvez, com maior amostra do Ensino Médio – de maior autonomia em suas escolhas –, este índice aumentaria, ou já está contido nos 23% dos indefinidos".

VOCÊ JÁ TEVE ALGUMA FOTO SUA, INFORMAÇÃO SOBRE SUA VIDA PRIVADA OU OPINIÃO PESSOAL COMPARTILHADA SEM O SEU CONSENTIMENTO?



VOCÊ JÁ SE SENTIU OFENDIDO(A) COM ALGUMA IMAGEM E/OU COMENTÁRIO POSTADOS A SEU RESPEITO, OU ALGUÉM JÁ SE SENTIU OFENDIDO COM ALGO QUE VOCÊ POSTOU?



Giselle Magnossão: "Esses números não indicam algo necessariamente grave. Alguém pode se sentir ofendido sem que tenha sido a intenção do outro, ou uma foto pode ser publicada sem o consentimento de alguém, mas não revelar nada íntimo. Muitos jovens, por exemplo, marcam pessoas numa foto publicada sem lhes pedir permissão. Até porque o direito de imagem é mais abstrato que o direito à propriedade; o mesmo jovem que posta a foto do colega sabe que não deve pegar um lápis sem autorização. Mas a pesquisa serve como aprendizado para nossos alunos – para os jovens de maneira geral, já que essa realidade vai além do Sabin: que o respeito pelo outro nas redes sociais deve ser o mesmo que tomamos nas relações presenciais, com a diferença de que, nas redes, o alcance de uma indiscrição é maior e potencialmente mais grave".

Dados obtidos por meio de 625 questionários, respondidos anonimamente, entre os dias 6 e 19 de abril, representativos de 60% do Fund. II e de 31% do Ensino Médio.

As vantagens de uma faculdade no exterior

Em meio à crise político-econômica brasileira atual, estudar fora do País se tornou possibilidade cogitada por jovens concluintes do Ensino Médio. Mas será que vale a pena? Nós, cada qual com seus motivos, acreditamos que o Ensino Superior no exterior seja vantajoso, seja pela qualidade do ensino, seja pelas condições de vida, seja pela disponibilidade de emprego no mercado de trabalho.

O Brasil está situado na 79ª posição no *ranking* mundial de desenvolvimento humano, ao passo que os destinos mais frequentes de brasileiros que visam estudar fora, a Europa Ocidental e a América do Norte, apresentam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) muito superiores ao nacional. Além desse, outros fatores relevantes no cotidiano são a segurança dos grandes centros urbanos norte-americanos e europeus, com baixos índices de violência, a qualidade de

seus sistemas de saúde e de sua infraestrutura urbana, que permite fácil locomoção e localização, além de instituições públicas mais eficientes. Por fim, o desemprego se apresenta em níveis baixos nesses países, o que, conseqüentemente, amplia a disponibilidade de serviços.

Além disso, as universidades estadunidenses possuem uma grade curricular obrigatória para todos os cursos nos dois primeiros anos da graduação. Nesse período, os alunos desfrutam de aulas de Redação, Discurso, Psicologia, Economia e Matemática e devem escolher mais quatro aulas específicas a cada ano. Essa base proporciona aos jovens maior prazo para a escolha definitiva de um curso, diferentemente do Brasil, onde essa decisão é tomada aos 18 anos, em vez de aos 20. Em 2015, na Universidade de Chicago, 52% dos alunos se formaram em cursos diferentes das suas opções iniciais, índice que mostra o quanto ocorrem mudanças de escolha nesse período. Ademais, tal sistema possibilita ao aluno a dupla graduação, no mesmo tempo e com mesmo custo, o que atrai estudantes que não se identificam com apenas uma área do conhecimento.

Os Estados Unidos e a maioria dos países do continente europeu contam, ainda, com uma infraestrutura educacional muito superior à brasileira para alguns cursos específicos. Para quem pretende seguir carreira artística, por exemplo, há, na América do Norte, diversos polos nos quais o Ensino Superior é consideravelmente mais forte do que o brasileiro, como em Nova York, núcleo econômico e cultural, onde a arte é muito valorizada. Há, portanto, mais possibilidades de trabalho nessa área após a graduação, bem como nos cursos da área da saúde, nos quais a tecnologia das universidades americanas é altíssima, e o ensino de qualidade é priorizado tanto no âmbito público, como no privado. Por ser mais bem preparados, os estudantes têm melhores oportunidades de trabalho caso voltem para seu país de origem.

Dessa forma, estudar fora do Brasil apresenta-se como alternativa bastante positiva, visto que, além de desfrutar de melhor qualidade de vida ao longo de sua estadia, o aluno dispõe de maior período de adaptação e escolha de carreira, assim como, em cursos específicos, melhor qualidade de ensino, o que o beneficiará competitivamente no mercado de trabalho brasileiro.



Isabelle Sadashima (centro) é aluna da 2ª série do Ensino Médio; **Thomas Petri e Giulia Cordeiro**, da 3ª série.

Por ser mais bem preparados, os estudantes têm melhores oportunidades de trabalho caso voltem para seu país de origem.

Sair do Brasil: o outro lado da moeda

É uma crença comum entre os brasileiros que, para concluintes do Ensino Médio, o estudo em uma universidade no exterior pode ser a melhor oportunidade de se começar uma carreira profissional bem-sucedida, além de abrir portas para a fuga do tão temido ‘país de Terceiro Mundo’. A idealização de nações estrangeiras e a realidade da situação político-econômica do Brasil levam à suposição de que seria necessário sair do País para se atingir uma vida digna. Uma vez que essa ideia já é amplamente difundida, decidimos mostrar uma visão do outro lado da moeda.

Um dos primeiros pontos a serem considerados é se o jovem não teria capacidade e vontade de auxiliar sua própria nação. Afinal, fugir da realidade em que vivemos, abandonando o país em que fomos criados e, conseqüentemente, suas próximas gerações, contribui muito pouco ou quase nada para um futuro melhor desse país. Talvez o esforço pessoal de cada indivíduo em transformar as condições indesejadas do Brasil possa ajudar a revertê-las. Será que ser um cidadão ativo não é uma opção melhor para todos os brasileiros, e não apenas para si?

Outra questão a ser discutida é a importância de se receber apoio durante os anos iniciais da vida acadêmica. É preciso que o jovem estudante considere sua capacidade adaptativa a uma nova cultura, especialmente quando não se tem a presença física de família e amigos. Não é todo mundo que se sentiria confortável em desprender-se de forma tão bruta de sua sociedade atual para buscar formação no exterior.

Comenta-se também, com frequência, a respeito de dificuldades relativas ao processo de aceitação

do estudante em universidades estrangeiras, com vagas extremamente disputadas e diversos custos ligados à sua permanência em outro país. A depender do interesse profissional e das condições financeiras de cada um, não é aconselhável para todos os casos tentar a chance fora do Brasil, que, vale lembrar, oferece formação de nível excelente em diversos cursos.

Em suma, ao tomar uma decisão tão crucial para seu futuro profissional, o jovem concluinte do Ensino Médio deve levar em conta o quanto está disposto a se afastar da estrutura familiar e de amizades construídas. Além disso, deve pensar na contribuição que a sua presença no mercado brasileiro poderia ter para o porvir da nação. Só então deve decidir para qual lado pende sua balança, se para dentro ou para fora do Brasil.



Gisele Rodrigues e Arthur Borba são alunos da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio.

É preciso que o estudante considere sua capacidade adaptativa a uma nova cultura, especialmente longe da família e dos amigos.

O início do movimento

Prêmio Impacta Sabin estimula alunos e professores a fazer a diferença.

Uma equipe vai doar alimentos, roupas e mantimentos para as crianças de um orfanato. Outra equipe pretende visitar escolas públicas e servir de tutora aos alunos que precisarem de reforço. Há quem esteja organizando campanhas de doação de livros, ou de sangue, ou de horas de ação voluntária, e há quem queira conscientizar a comunidade sobre os perigos do *bullying* ou sobre a necessidade de se recolher o cocô do cachorro em praças e vias públicas.

Os projetos vencedores do **Prêmio Impacta Sabin**, criado para comemorar os 25 anos do Sabin e os 10 anos do AB Sabin, só serão anunciados em setembro, mas, dois meses após o seu lançamento, já é possível dizer que a iniciativa atingiu o seu resultado de maior valor. Independentemente de como os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio queiram contribuir para o mundo, uma excitação coletiva, uma vontade de empreender tomou as duas escolas. E isso tem impacto imenso.

“Para além do que os alunos venham a produzir, o principal objetivo desse prêmio é a promoção da consciência de que é possível fazer algo – qualquer coisa – a respeito do que nos incomoda no mundo”, diz Cristina Godói, mantenedora dos colégios Sabin e AB Sabin. Ela cita o projeto de conscientização sobre as fezes caninas, de uma turma da Educação Infantil, como exemplo de que o valor de uma ação não está em sua escala. “Quando a professora perguntou à classe, foi isso o que eles citaram como problema, então ela foi lá e inscreveu o projeto da turma. Se eles experimentam, quando crianças, ações de cidadania minimamente expressivas, quem sabe o que, lá na frente, eles serão capazes de fazer?”

Segundo Cristina, tal exercício de ativismo é muito relevante, numa época em que parte da juventude parece



demonstrar certa apatia ou descrença em sua capacidade de mudar o mundo. “Não queremos que nossos alunos cresçam numa bolha, apartados dos dilemas sociais em seu entorno”. A resposta entusiasmada de vários grupos ao convite do Impacta Sabin, porém, ajudou a desfazer o receio da mantenedora – e tem motivado o resto da comunidade. “Tenho ouvido dos nossos professores: ‘é por isso que entrei nessa profissão’”, comemora.

Para os professores, diz Cristina, o Prêmio também está sendo um aprendizado, principalmente na categoria competitiva, dos projetos do Fundamental II e Médio. Como motivadores das equipes, eles não podem tomar decisões e empreender as ações pelos alunos; por outro lado, também não podem podar as ideias dos seus orientandos. “O que recomendamos é: deixa fazer, deixa tentar. Vamos quebrar a noção de que é preciso grande experiência de ativismo ou de terceiro setor para fazer a diferença”. O que importa é a vontade, o movimento – e o movimento foi iniciado.

Acompanhe todo esse movimento em nossas redes sociais e no site www.sabin25anos.com.br